



REDATOR PRINCIPAL  
ALEXANDRE VIEIRA  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Talhava-Lisboa. Telefone 5239-C.

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## CRÓNICA DE BARCELONA

### O depoimento dum conservador

A interpelação de Besteiro  
... foi uma... miséria :-:-:

BARCELONA, 13 de Fevereiro

A situação que o proletariado espanhol atravessa é verdadeiramente angustiosa. Sem garantias constitucionais há mais de dois anos e ansiada a lei das associações, só se ouve a voz da reação que incessantemente pede a execução de novas vítimas a imolar em holocausto ao Moloch capitalista. Felizmente, o espírito que anima a massa trabalhadora destas pais não se deixa intimidar por tantos crimes, e, apesar de todas as restrições, continua lutando com a mesma intensidade pela sua total emancipação.

São terríveis os efeitos da repressão governamental. Ascende a mais de quatro mil o número de operários encarcerados em Espanha neste momento, implicados em processos chamados de delitos sociais. Sem embargo, os Sindicatos continuam funcionando clandestinamente, e não faltam nunca companheiros a trabalhar a ocupar os lugares que as violências deixam vagos.

Que demonstra isto? Demonstra que os processos repressivos não tem eficácia nenhuma quando existe a convicção de que o regime do privilégio, que é o regime burguês, não tem razão de existir senão pela inicultura e ignorância do povo produtor.

Junto a esta atitude governamental, de franca oposição ao funcionamento e legal desenvolvimento dos Sindicatos Únicos de ramo ou de indústria, faz-se notar grandemente a colaboração dos socialistas com a autoridade para tratar de aniquilar a organização sindicalista revolucionária. Aqueles, no seu furor e na sua impotência, procedem duma maneira que não queremos classificar, pois indigna os mais indiferentes à luta social que um partido intitulando-se operário se tem de garantir a ordem social. Como se vê, trata-se duma orientação política que é a expressão máxima do liberalismo. Eu creio que Homem Cristo, felizmente para nós, verá iludidas as suas esperanças de predominio. O seu carácter, a sua moral, a sua psicologia são suficientemente conhecidas; e ninguém cairá, por certo, em auxiliar-lhe a ascensão. Ou eu estou a ver mal as cousas ou Homem Cristo não chegará a ministro desta vez, com o seu horripilante programa. O perigo está longe. Se assim não fosse, se estivéssemos realmente na perspectiva do restabelecimento da pena de morte para garantir a ordem social. Como se vê, trata-se duma orientação política que é a expressão máxima do liberalismo. Eu creio que Homem Cristo, felizmente para nós, verá iludidas as suas esperanças de predominio. O seu carácter, a sua moral, a sua psicologia são suficientemente conhecidas; e ninguém cairá, por certo, em auxiliar-lhe a ascensão. Ou eu estou a ver mal as cousas ou Homem Cristo não chegará a ministro desta vez, com o seu horripilante programa. O perigo está longe. Se assim não fosse, se estivéssemos realmente na perspectiva do restabelecimento da pena de morte para os operários e da proteção a carolas e jesuítas, eu abandonaria já, por improlixia, a pena com que escrevo estas linhas, e procuraria munir-me doutras armas, de efeito mais rápido e decisivo, para a defesa da vida e da liberdade dos que comigo vão a caminho do futuro. E assombra-me dolorosamente o facto, de *Última Hora*, dirigida aliás por um batalhador experimentado nas lutas libertárias, ter dado à estampa a premeditada infâmia de Homem Cristo, sem culminá-la com uma palavra formidável de condenação. Eu creio que a imprensa, pelo menos aos olhos dos que pretendem desempenhar nas sociedades uma missão salutar e reformadora, não deve limitar o seu papel à publicação de anedotas banais ou de réclames mentirosos. Sans rancune.

Acostumámo-nos a agir fora da lei e não entraremos nela sem as garantias necessárias para desenvolver a nossa acção revolucionária.

Sindicatos, comitês, federações, confederações! De que serve tudo isto se se não estiver compenetrado do sentido da verdadeira emancipação, moral e economicamente falando? Para actuarem os organismos operários como conveniente ao capitalismo, mais vale não perder energias em lutas que só trarão a humanidade a conservação do regime burguês.

Dato, o hediondo criminoso, e Cambó, o cínico defensor da burguesia catalã, pretendem fazer uma lei de sindicalização obrigatoria. Que irrisão! Depois de dois anos de clandestinidade quem poderia supor que nos submettamos a semelhante estupidez?

Acostumámo-nos a agir fora da lei e não entraremos nela sem as garantias necessárias para desenvolver a nossa acção revolucionária.

Sindicatos, comitês, federações, confederações! De que serve tudo isto se se não estiver compenetrado do sentido da verdadeira emancipação, moral e economicamente falando? Para actuarem os organismos operários como conveniente ao capitalismo, mais vale não perder energias em lutas que só trarão a humanidade a conservação do regime burguês.

E para esta viagem não necessitámos alforres—como nós, os espanhóis, dizemos.

CHISPAZOS.

## A GREVE

DOS

### TRABALHADORES DOS JORNais

Pulverizando uma calúnia

O órgão das empresas jornalísticas, supondo que intrigando e caluniando consegue lançar a desarmonia entre os grevistas, tem, a propósito do aparecimento do nosso colega *Última Hora*, ejaculado várias insidias com as quais só consegue exteriorizar uma vez mais os baixos sentimentos de quem o orienta.

Os camaradas que à frente da *Última Hora* se encontram enviam-nos a seguinte carta, na qual publicamente dizem dos seus intuições, intuições de que aliás, antes de fazerem sair o seu jornal, haviam dado conhecimento à comissão executiva do movimento:

Sr. redactor de A Batalha:—Como respondo à intriga que, a propósito ou desrespeito da publicação do jornal que se vende a dez centavos é o caso de intervir a responsabilidade do grupo de grevistas que o editou, por sua iniciativa e com o qual nada tem esta comissão nem a que administra A Imprensa de Lisboa, único órgão oficial dos Trabalhadores de Jornais. Lisboa, 19 de Fevereiro de 1921.

A Comissão Pró-aumento de salário dos Trabalhadores de Jornais.

Quadros dos jornais

Conforme estava anunciado, reuniaram ontem, na Associação dos Caixeiros, os componentes dos quadros dos jornais, reunião a que assistiram delegados da comissão executiva do movimento. Foi apreciada a marcha da greve, tendo sido reduzidos às devidas proporções vários boatos, adrede espalhados por emissários das empresas no propósito de desorientar os trabalhadores dos jornais. Ficou assente, no intuito de com os quadros serem reunidos as impressões necessárias ao triunfo do movimento, que semanalmente reúnem com a comissão executiva os delegados dos mesmos quadros, bem assim que estes, cada um por sua vez, efectuem também reuniões todas as semanas.

Para que nenhum quadro deixe de estar representado nas reuniões conjuntas com a comissão executiva, é conveniente que aqueles quadros que não tem delegados nomeados os indiquem com a maior brevidade à respectiva comissão.

Tendo sido dada a A. Vieira, da comissão executiva, a informação de que o camarada compositor Tomás de Aquino estava preenchendo presentemente dois lugares, fez-se aquele membro da comissão executiva eco dessa informação na reunião dos quadros, ontem efectuada, acrescentando que semelhante situação não podia ser tolerada. Posteriormente, averiguou que carecia de fundamento a referida informação, porquanto Tomás de Aquino não está acumulando, uma vez que tendo de facto sido convidado a ocupar um lugar no quadro da *Última Hora*, cedeu-o a um outro colega.

A opinião em Faro

FARO, 17.—C.—A greve dos trabalhadores dos jornais tem despertado a atenção do público, esperando-se a todo o momento a vitória dos grevistas. A Imprensa de Lisboa e A Batalha são aqui lidas com entusiasmo, tanto pelos leitores dos jornais das empresas, acrescentando-se que os grevistas se queixam amargamente das dificuldades com que os seus jornais.

Nos trânsitos de Lisboa se queixam de dificuldades que, faltamente, emprenderam a empresas, não tem visto somente os seus recursos, nem à sua crua presunção o critério que lhe é imputado de quer estabelecer concorrência às empresas. A imprensa de Faro, apesar de terceirizar determinados trabalhadores de jornais, pertence exclusivamente à Associação das classes, em luta e tem por sua missão a defesa dos seus respectivos interesses, a par de uma copiosa informação que se tem despendido a bem servir o público. Sobre a sua existência, uma vez terminada a greve, decidirão as reuniões colectivas. Só a estas assistira, então, o direito de se pronunciarem sobre a continuação ou suspensão da sua existência.

Quanto ao nosso bolchevismo, aprofado ao órgão das empresas, mais uma vez as confidamos a apontar onde ele é feito nas colunas da Imprensa de Lisboa e réptimas também O Jornal a indicar quais foram as

## NÃO APOIADO!

LOCUTORIO DUM INSURRECTO

A Última Hora de ontem punha no seu lugar de honra a parte principal da entrevista há pouco havida entre um redactor de *El Sol* e Homem Cristo, pai, esse que foi do *Povo de Aveiro*, primeiro republicano e depois monárquico, depois outra vez republicano e quem sabe se amanhã outra vez monárquico. Pela leitura da entrevista a gente sabendo que Homem Cristo tem ideias de vir a tornar-se governante nosso. Elaborou já um programa cujas linhas gerais são apresentadas na entrevista. Esse programa comporta a reforma da lei da separação, para que as aspirações dos católicos seja dada satisfação ampla. Inclui também o regresso a Portugal dos membros da Companhia de Jesus. Determina ainda o restabelecimento da pena de morte para garantir a ordem social. Como se vê, trata-se dum ação orientação política que é a expressão máxima do liberalismo. Eu creio que Homem Cristo, felizmente para nós, verá iludidas as suas esperanças de predominio. O seu carácter, a sua moral, a sua psicologia são suficientemente conhecidas; e ninguém cairá, por certo, em auxiliar-lhe a ascensão. Ou eu estou a ver mal as cousas ou Homem Cristo não chegará a ministro desta vez, com o seu horripilante programa. O perigo está longe. Se assim não fosse, se estivéssemos realmente na perspectiva do restabelecimento da pena de morte para os operários e da proteção a carolas e jesuítas, eu abandonaria já, por improlixia, a pena com que escrevo estas linhas, e procuraria munir-me doutras armas, de efeito mais rápido e decisivo, para a defesa da vida e da liberdade dos que comigo vão a caminho do futuro. E assombra-me dolorosamente o facto, de *Última Hora*, dirigida aliás por um batalhador experimentado nas lutas libertárias, ter dado à estampa a premeditada infâmia de Homem Cristo, sem culminá-la com uma palavra formidável de condenação. Eu creio que a imprensa, pelo menos aos olhos dos que pretendem desempenhar nas sociedades uma missão salutar e reformadora, não deve limitar o seu papel à publicação de anedotas banais ou de réclames mentirosos. Sans rancune.

A Última Hora de ontem punha no seu lugar de honra a parte principal da entrevista há pouco havida entre um redactor de *El Sol* e Homem Cristo, pai, esse que foi do *Povo de Aveiro*, primeiro republicano e depois monárquico, depois outra vez republicano e quem sabe se amanhã outra vez monárquico. Pela leitura da entrevista a gente sabendo que Homem Cristo tem ideias de vir a tornar-se governante nosso. Elaborou já um programa cujas linhas gerais são apresentadas na entrevista. Esse programa comporta a reforma da lei da separação, para que as aspirações dos católicos seja dada satisfação ampla. Inclui também o regresso a Portugal dos membros da Companhia de Jesus. Determina ainda o restabelecimento da pena de morte para garantir a ordem social. Como se vê, trata-se dum ação orientação política que é a expressão máxima do liberalismo. Eu creio que Homem Cristo, felizmente para nós, verá iludidas as suas esperanças de predominio. O seu carácter, a sua moral, a sua psicologia são suficientemente conhecidas; e ninguém cairá, por certo, em auxiliar-lhe a ascensão. Ou eu estou a ver mal as cousas ou Homem Cristo não chegará a ministro desta vez, com o seu horripilante programa. O perigo está longe. Se assim não fosse, se estivéssemos realmente na perspectiva do restabelecimento da pena de morte para os operários e da proteção a carolas e jesuítas, eu abandonaria já, por improlixia, a pena com que escrevo estas linhas, e procuraria munir-me doutras armas, de efeito mais rápido e decisivo, para a defesa da vida e da liberdade dos que comigo vão a caminho do futuro. E assombra-me dolorosamente o facto, de *Última Hora*, dirigida aliás por um batalhador experimentado nas lutas libertárias, ter dado à estampa a premeditada infâmia de Homem Cristo, sem culminá-la com uma palavra formidável de condenação. Eu creio que a imprensa, pelo menos aos olhos dos que pretendem desempenhar nas sociedades uma missão salutar e reformadora, não deve limitar o seu papel à publicação de anedotas banais ou de réclames mentirosos. Sans rancune.

A Última Hora de ontem punha no seu lugar de honra a parte principal da entrevista há pouco havida entre um redactor de *El Sol* e Homem Cristo, pai, esse que foi do *Povo de Aveiro*, primeiro republicano e depois monárquico, depois outra vez republicano e quem sabe se amanhã outra vez monárquico. Pela leitura da entrevista a gente sabendo que Homem Cristo tem ideias de vir a tornar-se governante nosso. Elaborou já um programa cujas linhas gerais são apresentadas na entrevista. Esse programa comporta a reforma da lei da separação, para que as aspirações dos católicos seja dada satisfação ampla. Inclui também o regresso a Portugal dos membros da Companhia de Jesus. Determina ainda o restabelecimento da pena de morte para garantir a ordem social. Como se vê, trata-se dum ação orientação política que é a expressão máxima do liberalismo. Eu creio que Homem Cristo, felizmente para nós, verá iludidas as suas esperanças de predominio. O seu carácter, a sua moral, a sua psicologia são suficientemente conhecidas; e ninguém cairá, por certo, em auxiliar-lhe a ascensão. Ou eu estou a ver mal as cousas ou Homem Cristo não chegará a ministro desta vez, com o seu horripilante programa. O perigo está longe. Se assim não fosse, se estivéssemos realmente na perspectiva do restabelecimento da pena de morte para os operários e da proteção a carolas e jesuítas, eu abandonaria já, por improlixia, a pena com que escrevo estas linhas, e procuraria munir-me doutras armas, de efeito mais rápido e decisivo, para a defesa da vida e da liberdade dos que comigo vão a caminho do futuro. E assombra-me dolorosamente o facto, de *Última Hora*, dirigida aliás por um batalhador experimentado nas lutas libertárias, ter dado à estampa a premeditada infâmia de Homem Cristo, sem culminá-la com uma palavra formidável de condenação. Eu creio que a imprensa, pelo menos aos olhos dos que pretendem desempenhar nas sociedades uma missão salutar e reformadora, não deve limitar o seu papel à publicação de anedotas banais ou de réclames mentirosos. Sans rancune.

A Última Hora de ontem punha no seu lugar de honra a parte principal da entrevista há pouco havida entre um redactor de *El Sol* e Homem Cristo, pai, esse que foi do *Povo de Aveiro*, primeiro republicano e depois monárquico, depois outra vez republicano e quem sabe se amanhã outra vez monárquico. Pela leitura da entrevista a gente sabendo que Homem Cristo tem ideias de vir a tornar-se governante nosso. Elaborou já um programa cujas linhas gerais são apresentadas na entrevista. Esse programa comporta a reforma da lei da separação, para que as aspirações dos católicos seja dada satisfação ampla. Inclui também o regresso a Portugal dos membros da Companhia de Jesus. Determina ainda o restabelecimento da pena de morte para garantir a ordem social. Como se vê, trata-se dum ação orientação política que é a expressão máxima do liberalismo. Eu creio que Homem Cristo, felizmente para nós, verá iludidas as suas esperanças de predominio. O seu carácter, a sua moral, a sua psicologia são suficientemente conhecidas; e ninguém cairá, por certo, em auxiliar-lhe a ascensão. Ou eu estou a ver mal as cousas ou Homem Cristo não chegará a ministro desta vez, com o seu horripilante programa. O perigo está longe. Se assim não fosse, se estivéssemos realmente na perspectiva do restabelecimento da pena de morte para os operários e da proteção a carolas e jesuítas, eu abandonaria já, por improlixia, a pena com que escrevo estas linhas, e procuraria munir-me doutras armas, de efeito mais rápido e decisivo, para a defesa da vida e da liberdade dos que comigo vão a caminho do futuro. E assombra-me dolorosamente o facto, de *Última Hora*, dirigida aliás por um batalhador experimentado nas lutas libertárias, ter dado à estampa a premeditada infâmia de Homem Cristo, sem culminá-la com uma palavra formidável de condenação. Eu creio que a imprensa, pelo menos aos olhos dos que pretendem desempenhar nas sociedades uma missão salutar e reformadora, não deve limitar o seu papel à publicação de anedotas banais ou de réclames mentirosos. Sans rancune.

A Última Hora de ontem punha no seu lugar de honra a parte principal da entrevista há pouco havida entre um redactor de *El Sol* e Homem Cristo, pai, esse que foi do *Povo de Aveiro*, primeiro republicano e depois monárquico, depois outra vez republicano e quem sabe se amanhã outra vez monárquico. Pela leitura da entrevista a gente sabendo que Homem Cristo tem ideias de vir a tornar-se governante nosso. Elaborou já um programa cujas linhas gerais são apresentadas na entrevista. Esse programa comporta a reforma da lei da separação, para que as aspirações dos católicos seja dada satisfação ampla. Inclui também o regresso a Portugal dos membros da Companhia de Jesus. Determina ainda o restabelecimento da pena de morte para garantir a ordem social. Como se vê, trata-se dum ação orientação política que é a expressão máxima do liberalismo. Eu creio que Homem Cristo, felizmente para nós, verá iludidas as suas esperanças de predominio. O seu carácter, a sua moral, a sua psicologia são suficientemente conhecidas; e ninguém cairá, por certo, em auxiliar-lhe a ascensão. Ou eu estou a ver mal as cousas ou Homem Cristo não chegará a ministro desta vez, com o seu horripilante programa. O perigo está longe. Se assim não fosse, se estivéssemos realmente na perspectiva do restabelecimento da pena de morte para os operários e da proteção a carolas e jesuítas, eu abandonaria já, por improlixia, a pena com que escrevo estas linhas, e procuraria munir-me doutras armas, de efeito mais rápido e decisivo, para a defesa da vida e da liberdade dos que comigo vão a caminho do futuro. E assombra-me dolorosamente o facto, de *Última Hora*, dirigida aliás por um batalhador experimentado nas lutas libertárias, ter dado à estampa a premeditada infâmia de Homem Cristo, sem culminá-la com uma palavra formidável de condenação. Eu creio que a imprensa, pelo menos aos olhos dos que pretendem desempenhar nas sociedades uma missão salutar e reformadora, não deve limitar o seu papel à publicação de anedotas banais ou de réclames mentirosos. Sans rancune.

A Última Hora de ontem punha no seu lugar de honra a parte principal da entrevista há pouco havida entre um redactor de *El Sol* e Homem Cristo, pai, esse que foi do *Povo de Aveiro*, primeiro republicano e depois monárquico, depois outra vez republicano e quem sabe se amanhã outra vez monárquico. Pela leitura da entrevista a gente sabendo que Homem Cristo tem ideias de vir a tornar-se governante nosso. Elaborou já um programa cujas linhas gerais são apresentadas na entrevista. Esse programa comporta a reforma da lei da separação, para que as aspirações dos católicos seja dada satisfação ampla. Inclui também o regresso a Portugal dos membros da Companhia de Jesus. Determina ainda o restabelecimento da pena de morte para garantir a ordem social. Como se vê, trata-se dum ação orientação política que é a expressão máxima do liberalismo. Eu creio que Homem Cristo, felizmente para nós, verá iludidas as suas esperanças de predominio. O seu carácter, a sua moral, a sua psicologia são suficientemente conhecidas; e ninguém cairá, por certo, em auxiliar-lhe a ascensão. Ou eu estou a ver mal as cousas ou Homem Cristo não chegará a ministro desta vez, com o seu horripilante programa. O perigo está longe. Se assim não fosse, se estivéssemos realmente na perspectiva do restabelecimento da pena de morte para os operários e da proteção a carolas e jesuítas, eu abandonaria já, por improlixia, a pena com que escrevo estas linhas, e procuraria munir-me doutras armas, de efeito mais rápido e decisivo, para a defesa da vida e da liberdade dos que comigo vão a caminho do futuro. E assombra-me dolorosamente o facto, de *Última Hora*, dirigida aliás por um batalhador experimentado nas lutas libertárias, ter dado à estampa a premeditada infâmia de Homem Cristo, sem culminá-la com uma palavra formidável de condenação. Eu creio que a imprensa, pelo menos aos olhos dos que pretendem desempenhar nas sociedades uma missão salutar e reformadora, não deve limitar o seu papel à publicação de anedotas banais ou de réclames mentirosos. Sans rancune.

